

ORALIDADE E ESCRITA

Elisa Guimarães *

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

A importância que se vem emprestando ao conceito de situação de comunicação, no ato falado, acaba por ceder lugar também de proa ao tratamento da oralidade, em sala de aula, como ponto de partida para reflexões mais aprofundadas acerca da língua e seu funcionamento de um modo geral.

É esse o destaque da obra *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna* (Cortez, 1999), de autoria das professoras Leonor Lopes Fávero, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade e Zilda Gaspar Oliveira de Aquino.

Em quatro substanciosos capítulos, as autoras sustentam a tese da importância da oralidade no ensino da língua como instrumento capaz de trabalhar a competência comunicativa do aluno.

Assim, requintes da boa didática traçam, com extrema clareza, no capítulo IV – o das relações entre fala e escrita – um esquema dos componentes de uma situação comunicativa. Esquema esse sintetizador das considerações de natureza teórica que alicerçam as análises demonstrativas das diferenciações existentes entre o texto escrito e o texto falado.

À luz desses princípios, as autoras efetuam, por exemplo, um confronto entre textos – um falado e outro escrito – produzidos por um aluno da 7ª série do primeiro grau de uma escola particular da cidade de São Paulo, deixando clara a intenção de possibilitar ao aluno o discernimento dos traços específicos da fala e da escrita.

* Professora da Área de Filologia e Língua Portuguesa da FFLCH-USP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Carrega-se de relevante mérito essa espécie de exercício, uma vez que coloca o aluno ele próprio trabalhando com as operações de transformação verificadas na passagem da comunicação oral para a escrita.

O livro oferece ainda outras propostas cuja concretização tende a familiarizar o aluno com as peculiaridades da língua oral em confronto com a escrita – o que acentua o caráter eminentemente didático da obra em apreço.

Tanto nas grandes linhas que o constroem, quanto nos pormenores que o ilustram, o livro exhibe valiosa orientação para o ensino médio de Língua Portuguesa – ainda oscilante entre tendências conservadoras da Gramática tradicional e da escrita e os incipientes reflexos dos estudos da oralidade em sala de aula.

A escola continua prestigiando o mito da linguagem correta, alicerçado na língua escrita, em geral literária, discutindo insuficientemente a questão da diversidade lingüística, do contraste e da aproximação entre a língua escrita e a oral.

De fato, como lembram as autoras, a filosofia do ensino de Língua Portuguesa vem ainda sofrendo influência de preconceitos que levam o professor de ensino médio a prestigiar a variante culta ou padrão em detrimento de outras. Sustenta-se, por isso, uma política de ensino ainda enraizada em princípios puristas – o que contrasta com os estudos de língua oral levados a efeito por algumas vertentes da Lingüística.

Entre esses estudos, notabilizam-se as atividades do Projeto NURC que, por meio de dois núcleos (USP e Unicamp), vem produzindo, desde os anos 80 no Brasil, uma série de livros sobre a interação verbal dos falantes.

É dos inquéritos do Projeto NURC/SP do tipo D2 (diálogo entre informantes) que as autoras se utilizam para exemplificação das situações discursivas, demonstrando a diversidade de fatores que se conjugam na produção do texto falado, bem como possibilitando “detectar o tipo de relação de poder que se instaura entre os participantes” (p. 19)

Aos inquéritos do Projeto NURC as três professoras acrescentam mostras de resultados de conversações espontâneas e de entrevistas – material de que se depreende uma idéia fundamental, ou seja, “a questão da oralidade colocada como um problema de adequação às diferentes situações comunicativas”.

É nessa perspectiva – conforme o livro deixa patente – que se devem considerar as relações “mútuas e intercambiáveis” entre o ensino da oralidade e da escrita, estando, pois, longe de se repelirem os paradigmas da língua escrita e os da

fala espontânea. Antes, são duas realidades que se integram, ainda que possuam características próprias e apresentem tipos de complexidade diferentes. Torna-se, pois, exato aceitar as expressões da oralidade como novo canal de possibilidades para a escrita.

São, portanto, de indiscutível peso os valores que credenciam o livro *Oralidade e escrita* como rica fonte de informações, como manancial não menos rico de segura orientação, uma vez comprovada a tese de que a fala tem lugar importante no ensino de língua.

Quando são ainda escassos os recursos teóricos e metodológicos existentes em Língua Portuguesa para um tratamento sistemático da questão da oralidade, é em muito boa hora que as três professoras oferecem esse valioso contributo a todos quantos se interessam por questões ligadas ao processo da comunicação oral.